ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

REPENSANDO O TRABALHO COM A LITERATURA NA SALA DE AULA

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº. 5430
Data 21 / 05 / 99

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

P324p

Fátima Aparecida Chaves de Paulo

Pontes e Lacerda/MT, setembro de 1998

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Ensaio monográfico para graduação do Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura do VIII Semestre, para fins de conclusão do Curso de Letras, no Campus Universitário de Pontes e Lacerda/MT orientado pela professora Teresa de Pazos da Silva, monitorado por Ediliane Gonçalves.

Pontes e Lacerda-MT, setembro de 1998

ÍNDICE

Apresentação..... 06

Quadro Teórico..... 10

Análise doCorpus..... 19

Considerações Finais..... 41

Bibliografia..... 54

Dedico aos meus filhos e esposo; por ficarem tão sós enquanto eu estudava.

"Pobre literatura que se fosse capaz de revelar-se a determinada escola de críticos. As Literaturas, como as palavras do poema de Drummond, perguntam apenas, sem interesse pela resposta: "Trouxestes a chave?"

(Carlos Drummond de Andrade)

APRESENTAÇÃO

O meu interesse em verificar, com maior profundidade, a trilha percorrida pelo ensino da literatura, surgiu durante três períodos distintos. O primeiro ocorreu na ocasião em que fui aluna em escola de freira, onde as aulas de literatura eram transformadas em aula de religião, hoje chamados de ensino religioso. O segundo contato é da -época em que observei o desenvolvimento escolar de meus filhos; através de seus cadernos e atividades de casa, observei que a literatura era usada como pretexto. Era na literatura que os professores, com aval do livro didático ou do sistema apostilado, usavam o texto literário para trabalhar gramática e impor regras de hábitos como: higiene, boas maneiras e, que posteriormente, eram cobradas para a "nota". Presenciei e auxiliei, inúmeras vezes, meus filhos responderem questionários extraídos de textos literários.

O último período, foi durante a minha volta para a escola, depois de um afastamento de onze anos consecutivos, agora no 3º Grau. Momento em que ouvi, pela primeira vez, através de professores e autores, colocações como: "gosto pela obra", "diálogo direto com o texto", "imprimir marcas pessoais" e "inter-relação com aquilo que se lê". Foi então, que comecei a encarar minhas leituras com outros olhos.

Agora em busca de um entendimento prazeroso e, ao mesmo instigante. A medida que esta instigava, também surtia uma visível modificação em mim, enquanto sujeito inserido numa sociedade e, que, podia e "devia" fazer uso disto para meu crescimento pessoal. Vi que esta força morava dentro de mim. Era só organizar e valorizar minhas próprias experiências,

obras e textos que o curso de letras propunha. E o mais importante, foi descobrir que para esta "chave" existiam inúmeras fechaduras protegidas por "algo", chamado leitura de mundo, e que este "mundo" nada mais era o meu conhecimento acumulado, desde uma visão que partia do micro, aqui entendido como minha realidade mais próxima e que expandí-lo e ampliá-lo para o macro, realidade no seu sentido mais amplo, só dependia de mim. Para entender isso levei algum tempo.

Foi aí que comecei a ruminar a respeito das duas primeiras etapas em que me relacionei com a literatura. Por mais que assim fizesse, elas voltavam intactas. A primeira e a segunda fase eram como azeite e água em relação à terceira fase. Daí a necessidade de estar observando como é feito o trabalho com a literatura no 2º Grau e, posteriormente, proceder a uma análise dos dados levantados, dentro da perspectiva social, sem contudo abondonar a questão do gosto, do prazer puro e simples proporcionado pela obra literária; sustentada pela visão de Afrânio Coutinho, Antonio Candido e Nelson Werneck Sodré, entre outros autores que postulam sobre literatura.

Para tanto, estarei me referindo à presente pesquisa como uma observação escolar de conjunto, pois projetei observar alunos e professores, para descrever as condições atuais da literatura, respeitando toda e qualquer postura, mas com o intuito de apontar possíveis soluções e reflexão para os prováveis problemas lá encontrados.

O meu comportamento nestas salas de aula, restringiu-se a observar e depois anotar os dados em um caderno de campo. Não usei questionários, gravador, ou coisa desse tipo, para não inibir ou direcionar os resultados. Num segundo momento analisei a proposta curricular para o ensino da literatura

Os dados coletados nas salas de aula, foram submetidos à uma fundamentação, perpassando à luz de embasamentos teóricos, que através de seus viéses, funcionaram como um filtro, apoiado pela literatura pertinente, a qual, acredito, se adequar, a priori, na relação teoria-problema, com maior possibilidade de integrar-se no recorte trabalhado. Com isso, sustentando e indicando lacunas no estudo literário, no que tange à

forma de se trabalhar com as literaturas nas séries do 2º Grau.

Quero através desta pesquisa, chamar, à reflexão, principalmente, aquele professor, que por falta de oportunidade ou mesmo por iniciativa própria, tenha assumido a ideologia do livro didático. Àquele que liga o estudo da literatura somente à escolas literárias e períodos históricos, normalmente, como resposta e respaldo para "não errar".

Pretendo também, fazer um convite a estes profissionais, para promoverem e freqüentarem eventos tais como: reuniões, discussões, seminários, onde predomine a preocupação em reforçar a confiança dos professores, para, assim poderem ajudar a despertar a intuição do alunado, mesmo que para isso, tenha que ir em busca de acompanhamento de pessoas que já experimentaram essa possível solução para um bom desenvolvimento do trabalho com a literatura no 2º Grau da escola pública.

O meu objetivo maior é chamar a atenção para a emergente necessidade do trabalho intensivo direto com a obra literária, explicitando a sua organização intuitiva e prazerosa, com a intenção de o instrumentalizar com elementos extraídos de experiências do próprio aluno. Conscientizando-o da necessidade e o prazer de portar-se criticamente diante do objeto da literatura.

Tomei como meta principal os seguintes pontos: analisar se o trabalho com a literatura é capaz de surtir efeito que possibilite a mudança de conduta e concepção de mundo; se atua no resgate da liberação das emoções dentro dos limites da sala de aula; fugindo das "armadilhas" em que o sistema pretende controlar até mesmo nossas emoções, moldando-as dentro de padrões e limites genuinamente controláveis; se o professor traz para a sala de aula materiais como: gibis, sabrina, playboy, com o intuito de derrubar "tabus", deixando que flua, em primeira instância, o gosto pela leitura; verificar se o professor se preocupa em resgatar a riqueza de significado do texto literário, dando ampla liberdade ao aluno leitor, fazendo com este dialogue com o texto, livre de qualquer determinante; verificar com quais procedimentos o professor trabalha se quantitativos, que visa cumprir o que traz o livro didático, ou qualitativos, que visa o crescimento do aluno, enquanto sujeito. Sugerir, sempre que possível, que se trabalhe com características qualitativas, apresentadas pelos próprios alunos, fornecidas pela sensibilidade de cada um e abordar, mesmo que parcialmente, os determinantes convencionais que fazem com que os alunos não tomem gosto pelo estudo da literatura nas escolas.

E, para isso foram observadas, "in loco", um total de quatorze aulas, sendo nove aulas na classe de 1º ano, três aulas nas salas do 2º ano e duas no 3º ano.

Funcionam cinco primeiros anos, sendo só a turma "A" no período matutino e os demais no noturno. A escola que me propus a observar foi a EEPSG "Dep. Dormevil Faria, por se tratar de uma das maiores e, também por ser uma instituição idônea do lugar.

sempre o crescimento e o desempenho do cidadão, principalmente, no período escolar.

Assim sendo, não podemos ficar passivos à espera de condições favoráveis, mas precisamos ajudar a criar estas condições. Por intermédio do contato direto com o aluno e sua história de vida é que isso seria possível. Não esperar condições "favoráveis". Mas ser favoráveis a que o aluno possa recriar sua própria realidade, dando-lhe, quem sabe, uma nova cor, mesmo que mais cinzenta, mas que possuísse suas próprias marcas.

Por último, apresento a visão de Antonio Candido a respeito da literatura: *"(...) arte deve ser, inevitavelmente, comunicação expressiva, expressão de realidade profundamente radicadas no artista, mais que transmissão de noções e conceitos".*

Esta postura vem a confirmar a linha de pensamento que postulo em meu trabalho. Aqui está posto que o gosto pela obra, depende, essencialmente do deixar fluir a intuição do aluno e, que isto repercute tanto na fase criadora quanto em fase receptiva do aluno, desvinculando-a de quaisquer condicionantes externos à obra ou texto literário, vendo a poesia, por exemplo, como um tipo de linguagem que manifesta o seu conteúdo na medida em que é forma, isto é, no momento em que se define a expressão. A palavra seria pois, ao mesmo tempo, forma e conteúdo. E neste sentido a estética não se separa, necessariamente, da lingüística. Como tendemos a introjetar as normas, sejam elas sociais ou não, já que pertencemos a uma massa, cujas reações obedecem a condicionantes do momento e do meio, e assim veremos que os fatores sociais atuam, de certa forma, nas artes, especialmente na literatura, mas não de forma exclusiva que o livro didático tem proposto, como diz Werneck Sodré, (1995):

Por último, fiz minhas considerações finais, sobre o desenvolvimento desse trabalho, que de antemão, posso afirmar que será de grande importância, tanto para o professor como para o aluno.

QUADRO TEÓRICO

O sistema educacional que se montou no Brasil constitui-se na base sobre a qual se ergueu o ensino no império. Ambos estão intimamente ligados à família, à Igreja, ao poder econômico e político. E, é de lá, que parte uma das direções mais nítidas e fortes de nossa atividade intelectual - a tendência literária e, junto com ela, *"todos os supostos ou reais"* engodos culturais como: o amor à forma, o requinte e o rebuscamento.

Neste contexto, a escola é mais uma força de conservação do que instrumento de libertação, a literatura tende a sobreviver fora da escola; pois fora da órbita desta, recebe valores mais exatos em seu conteúdo.

Observa-se que a inércia referente às rotinas pedagógicas no ensino da literatura persistiu por três séculos a fio. Esta inércia tem suas raízes na cultura colonial, e onde quer que fossem apresentados, elementos da cultura científica, chocavam-se com os padrões tradicionais e, imediatamente eram rejeitados. Com relação a estas mudanças, Coutinho, (1997) observa que:

> *"... a literatura como fenômeno cultural não se pode abstrair do seu meio social e histórico e de suas raízes educacionais", mas admite por outro lado que a educação colonial do século XIX, só será entendida se a ligarmos à escola humanística, aos padres e mestres-escolas que, "formavam as elites intelectuais e políticas da época".*

Hoje percebemos que há uma visível ligação entre a concepção literária delineada no início de nossa colonização e o ensino escolar atual, e esta forma de ligação das letras ao ensino é a responsável pelas "escleroses" entre os alunos, que perdem a espontaneidade nas suas criações literárias. Em face disto não temos o surgimento de escritores em nossas escolas. Isto explica porque falta formação e raízes na tradição de nossos

escritores. A literatura é continuidade e originalidade, sendo produto de uma cultura e, ao mesmo tempo, criação pessoal.

Visto que não temos uma tradição literária que seja realmente nossa, fica claro que somos reflexo da sociedade européia e, que acreditamos consistirem nisso as causas de tantas distorções e distanciamento, já que fazemos parte de outra sociedade, com outra realidade e com outras características. Para um melhor entendimento desta situação se faz necessário discorrermos sobre os seguintes pontos: Sistema, Sociedade, Escola, Literatura e também, dar uma passadinha nos Parâmetros Curriculares, que hoje regem o ensino básico e médio.

> *"(...) Sistema é o conjunto de elementos, materiais ou não, que dependem reciprocamente uns dos outros, de maneira a formar um todo organizado". (Lalande, 1960)*

Esta definição nos dá uma idéia da estrutura do sistema, propriamente dito, apresentando-o como um todo formado de partes interdependentes (as instituições, entre elas a escola) e harmônicas.

Assim como recebemos uma literatura européia, também recebemos um modelo econômico pronto e acabado *que no decorrer* do tempo brigou por mudanças, mas não presenciamos nenhuma ruptura, de fato, com este modelo. O que vimos foram tentativas de constantes adaptações, tanto no campo da economia como no campo da educação. Percebe-se que a preocupação é que tudo se molde ao que já está pronto.

Para clarear isto, teríamos que passar pelo processo de entendimento de como funciona este modelo. Em outros termos, seria necessário examinar o início do modelo do sistema em questão.

Tal reconstituição nos forneceria dados fundamentais

conseguiríamos cumprir a tarefa de ultrapassar o que está explícito nas linhas, pondo também em evidência o que, propositalmente, o sistema *oculta em suas entrelinhas*. Queremos ressaltar que através do estudo da literatura, isto é possível. É só tomar como objetivo principal, o formar através dela, sujeito críticos, capazes de fazerem tais leituras. Que diante de uma obra literária, consiga enxergar tal processo e, ao mesmo tempo, relacioná-la ao contexto do artista, confrontando com o seu. Não perdendo de vista o fato da obra ser uma ficção, que se assemelha com a realidade, mas ela não é real, por isso é passiva de uma realidade imaginária, que possibilita a criatividade, que proporciona prazer aos seus leitores.

Em se tratando de sistema, entendendo a organização do sistema escolar, no momento em que o sistema maior coloca a escola como responsável pelo processo de conduzir o cidadão do seu meio para a vida lá fora, no ponto em que afirma que a escola é um veículo capaz de conduzir o indivíduo, desde sua adolescência até a idade madura, a uma definição nos campos: econômico, civil e político.

Para que este processo viesse a acontecer, de verdade, precisaria que se fizesse uma junção das partes que se interrelacionam. Uma delas, consiste na forma de pensar do aluno, formando o todo, que é o "sistema". Não considerando o momento em que este sistema se caracteriza como fechado, aquele que proíbe informações, como é o caso de muitas escolas particulares, que funcionam como empresas; optando para o momento em que este mesmo sistema torna-se aberto, isto é, prima por trabalhar o intelecto do aluno, que atenta em seus aspectos: físicos, emocionais, morais e os sociais. Partindo do pressuposto de que a educação é processo parcelado, portanto podendo se realizar em todos os lugares.

A respeito desse sistema escolar (*"conjunto de elementos que formam um todo organizado"*), quero alertar que isto só fica a nível de teorias de estudiosos, considerados de renome pela classe dominante, justamente por legitimarem a mesma idéia. Com nosso atual modelo de governo, isso não acontece, pois não há as articulações necessárias entre os graus, modalidades e entidades em relação ao ensino, tornado-o unificado só pelo fato de estarem no mesmo território e servindo à mesma cultura. Também pelo fato de usarem a mesma língua, serem regidas pela mesma legislação e possuírem, claro um só papel, leis específicas entre os graus e modalidades. Tudo isso se confirma se procedermos a uma análise das origens das leis que regem o ensino, perceberíamos que elas só se preocupam em adaptar-se ao sistema, que por sua vez também é importado de países europeus. Assim como a forma de se trabalhar a literatura perdura até hoje em nossas escolas públicas. Isto está presente na fala de José Augusto Dias, (1971):

> *"Todo sistema escolar é montado para cumprir uma função social. Cabe a sociedade, portanto, estabelecer os objetivos a serem buscados, que são a expressão de anseios, das aspirações, dos valores e das tradições da própria sociedade".*

Para compreender o paralelo feito anteriormente, é só fazermos a seguinte pergunta: Nós cumprimos a função social engendrada em escalas de valores próprios? Outra vez esta, reflexão abre um imenso leque de respostas, distanciando-me da proposta do referido trabalho, mas fazendo com que detenha-se, necessariamente, no que diz respeito a sociedade, que segundo Aurélio é:

> *"(...) todo grupo ou agregado social que*

> *instituições fundamentais são determinadas por padrões culturais comuns (...)".*

Pegando um gancho com a definição acima, percebe-se que esta nos permite completá-la com o que diz José Augusto Dias em relação ao conteúdo cultural:

> *"A sociedade possui um cabedal de conhecimentos, adquiridos no transcorrer de sua história, e que nos dias atuais se caracteriza por um extremo dinamismo e vertiginosa expansão. Novas descobertas científicas e novas conquistas da tecnologia vêm transformando quase diariamente a face do mundo. Da massa de conhecimento que possui a sociedade o sistema escolar retira o conteúdo de seus currículos e programas. Por outro lado, a atuação do sistema escolar, principalmente através de pesquisas de professores e alunos, contribui para o incremento dos conhecimentos".*

Lendo as entrelinhas de ambas a citações, há a necessidade de retomar o conceito de sistema e, logo percebe-se que, a citação de Aurélio, coloca a sociedade como determinada por padrões culturais; então nota-se que não os temos e, sim os importamos. Confrontando este conceito à segunda citação, no ponto em que Dias fala que "*as pesquisas de alunos e professores são responsáveis pelo conhecimento",* aí sim, é que levaríamos um tremendo susto.

Como pode acontecer pesquisa pura se ambos são regidos por leis que querem justamente que isto não aconteça? Se acontecesse, teria que obedecer a interesses de países europeus, já que economicamente estamos subordinados a eles. Explicando assim, mais uma vez, o porquê que os professores/escola resistem em trabalhar a literatura presa à formas e a determinantes somente históricos.

Para esclarecer o colocado acima é preciso verificar que a longa soberania da literatura tem, duas ordens de fatores, como afirma Antonio Candido:

> *"(...) Uns derivados da nossa civilização européia e dos nossos contatos permanentes com a Europa, quais sejam o prestígio das humanidades clássicas e a demorada irradiação do espírito científico. Outros, propriamente locais, que prolongaram definitivamente aquele prestígio e obstaram esta irradiação (...)"*

Considerando este fragmento, podemos ver como fatores locais, que a ausência de iniciativa implicada no estatuto colonial e causadora do atraso, é ainda hoje, de fácil percepção nas escolas. Sensível na forma de uma instrução que deveria ser adquirida, através do processo cumulativo da educação, mas que a escola insiste em repassar através de atividades sedimentadas pelos livros didáticos, que insiste numa fraca dimensão do trabalho intelectual.

Com isso a literatura força a condição de ser adaptável a um sistema importado, ao permitir e, ao mesmo tempo forçar, a certeza de poder interpretar a poética, uma discussão que é subjetiva, fazendo uso dos meandros da técnica metafórica (querendo que esta paire naquilo que interessa a uma minoria), em detrimento de formar aqui seus próprios estudiosos e pesquisadores. A literatura, reforçada pela escola, preencheu a seu modo, a lacuna existente nesse estudo, criando mitos e padrões que serviram para orientar e dar forma ao pensamento de críticos e editoras a serviço da classe que domina.

Hoje isso perdura, mas percebe-se que tal quadro sofre constantes abalos, pois o que presenciamos é que o espírito urge finalmente, despertando a consciência das massas como

elemento construtivo da sociedade. Ela pede uma redefinição de valores e na forma de ser trabalha, na escola, a obra literária, bem como, por mudanças de hábitos que. Lutas por inovações nas atividades propostas no livro didático e, que esta mudança aconteça em face dos novos valores de vida e de arte que devem ser extraídos da substância do tempo presente, conforme tão belamente coloca Mário de Andrade: *"O passado é lição para se meditar, não para reproduzir."*

Dando seqüência à discussão dos elementos fundamentais no campo da aprendizagem da Literatura, ví que a escola: *"(...) é um sistema aberto, que tem por objetivo proporcionar educação (...)"* e que:

> *"(...) preferimos dizer sistema escolar, a sistema da educação. Sistema de educação é expressão ampla demais; confunde-se com a própria sociedade, pois teria que englobar todos as agências sociais que educam: família, clubes, empresas, grupos informais, pessoas, etc. (...) enquanto que sistema escola compreende uma rede de escolas e sua estrutura de sustentação.* (Augusto José Dias, 1971);

Se tomarmos estas definições, veremos que são perigosas e muito complexas. Quando se coloca *"proporciona educação"*, já percebemos, de imediato, como fica o trabalho antes mencionado. Se a escola é onde, a maioria dos alunos, têm o seu primeiro contato com textos literários, e esta tem como base "proporcionar" educação; será que há espaço para o aluno tomar gosto pela obra?

Como vimos, é feito um joguete com o ensino. Estamos diante de um "Círculo Vicioso" que precisa ser rompido a qualquer custo. Sabemos que o maior entrave está na necessidade de manter estabilizada a economia. Enquanto a meta teria que ser

> *"A importância de uma História da Literatura se pode avaliar pela metodologia adotada no tratamento material, e essa metodologia, estabelecendo novos critérios para o exame e análise de produção literária de um povo, estrutura um sistema não só de classificação como também de hierarquia de valores"*

Derrubando, portanto, a hipótese de que o livro didático é o guia do saber, cai por terra, o posto de detentor do saber, ocupado pelo professor diante de seus alunos.

A idéia que queremos imprimir na clientela escolar e aos seus leitores em geral continuam nas palavras desse mesmo autor:

> *"A literatura é vista como a expressão do homem e da sociedade e ajuntada aos momentos históricos que presidiram à eclosão das idéias dos nossos movimento estéticos e das obras representativas de nossa inteligência e sensibilidade".*

O fato é que a literatura no Brasil ainda não atingiu uma consistência efetiva por si só, mesmo porque somos frutos do meio que nos influencie, por isso não conseguiu impor-se, com isso assinala sua precariedade e a justifica. Por ter sido elaborada por um povo de passado colonial, cuja evolução foi muito lenta, ficando até hoje a mercê desse passado, e não tem, por isso as condições necessárias para elaborar sua própria exteriorização artística.

Neste trabalho quero compactuar-me ao pressuposto de que *"a inteligência humana é impossível concluir e realizar alguma coisa senão conforme aos modelos que a vida oferece",* isto ao invés de trabalhar teorias de críticos e intenção do sistema propomos que para que o trabalho com a literatura deslanche, é preciso que o professor tenha como direcionamento deste, iniciativas como: trabalhar pela vida e com a vida de seus

alunos, afastando, sempre que possível, o costume de lidar com a literatura através só de periodicidades literárias.

Afrânio Coutinho, por acreditar que *"as artes e literaturas fazem parte comum do todo que é a cultura"*, propõe que o critério de ensino da literatura de hoje, o histórico, seja substituído pela história das idéias, advogando a prática pedagógica que diz ser possível isolar a obra e encará-la em si mesma, apreciá-la, amá-la, entendê-la, ou seja, dispensar todo e qualquer elemento exterior a ela.

Com relação ao Parâmetro Curricular (1997), vi que este contempla aquilo que tracei como objetivo no início de meu trabalho no ponto em que diz:

> *"A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do 'prazer do texto'. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das condições literárias".*

Diante do que trazem os Parâmetros Curriculares e levando-se em conta que este é um material disponível a todos os professores, e observando o dia a dia da sala de aula, podemos afirmar que a maneira pela qual é trabalhada a literatura no âmbito escolar, é no mínimo intrigante. Pois, ao analisá-lo, também no capítulo intitulado: "A Especificidade do

diferenciada daquilo que, normalmente, é aplicado nas escolas, como mostra a citação abaixo:

> *"A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como maneira particular de compor o conhecimento, é necessário que sua relação com o real seja indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea."*

Ressalto que para a formação de alunos é preciso usar técnica sim, mas que seja através de contato longo, continuado, direto, com as obras, o melhor do gênero. E que tais técnicas tenham um poder formativo e ordenador, sobretudo em espíritos em crescimento, ativos na imitação. Acreditamos ser esta a melhor forma para fazer o aluno sentir, pensar e penetrar no desconhecido, construindo, assim, a maior fonte civilizadora, o que o aproxima do objetivo da formação literária nas escolas - digo formação e não informação, aquela que leva este aluno a humanizar-se e ter uma vida mais plena na sociedade.

OS DIFERENTES CAMINHOS A SEREM PERCORRIDOS NO TRABALHO COM A LITERATURA NA SALA DE AULA

A idéia de uma investigação sobre como se trabalha com a literatura, remonta à época em que eu era aluna, ocasião em que estas aulas eram transformadas em aulas de religião, por volta de 1979; reforçada pelo acompanhamento do ensino de meus filhos, momento em que o estudo da literatura consistia em responder roteiros de livros e questionários do livro didático e consolidada pela minha própria experiência, agora no 3º Grau, período em que primou-se o gosto e o prazer pela leitura. Resolvi descobrir, ou pelo menos tentar, a causa do distanciamento que pude detectar no decorrer das três fases acima citadas.

Para prosseguir esta trajetória, tive que percorrer um longo caminho, cheio de surpresas. O primeiro deles foi o fato de interferir em toda uma idéia e comportamento já cristalizados pelos críticos através do livro didático, que assume como "natural" se trabalhar com a literatura de forma adaptada, dependente de "originais," de grandes nomes. Principalmente, ter que vinculá-la a uma escola ou período literário. O segundo entrave foi o de enfrentar a sala de aula como estagiária; lugar em que, normalmente, somos vistas como intrusas ou simples delatoras. Não foi diferente comigo.

Antes de anotar qualquer dado; procedi a diversas leituras e inúmeras entrevistas de caráter informal, com o público com o qual eu estaria me relacionando. Coisas interessantíssimas vieram à tona. Uma delas, considero pertinente à minha pesquisa. Verifiquei que o corpo docente e o discente é composto, em sua grande maioria, por pessoas oriundas de

fronteira com a Bolívia e a atuação ativa de diversas ONGs. Com relação a ser professor, percebí que o são por falta de outra opção. Em se tratando das mulheres, umas vieram acompanhando seus esposos na lida com a terra, extração de madeira e em pequenas propriedades, normalmente, posses de área de assentamento. E, quanto aos alunos, vieram acompanhando seus familiares. Ao me dirigir a alguns deles, notei que carregavam um explícito saudosismo, do tipo: "Onde eu estudava tinha carteira para todos"; "Não faltava tanta água e luz". "A escola fornecia livros. Era só a gente cuidar para passá-lo limpinho para outra turma". Se fosse elencar todos os comentários, meu trabalho tomaria outro rumo.

Depois de situar-me, neste contexto, foi que voltei minha atenção às aulas de literatura, agora contextualizadas, dentro, também de uma realidade chamada Pontes e Lacerda. Portanto, o meu olhar se modificou parcialmente, em relação àquele descrito no meu projeto inicial. A começar pelo aspecto crítico, pois observei que os alunos ao lerem um texto literário, em sua maioria, não tinham o hábito de desenvolver nenhuma criticidade. Por isso, assumem uma postura estática diante do texto: não duvidam.

Ao invés do aluno se sentir inquieto, cutucado, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião, ele se reveste é de outro tipo de reação. Normalmente, contra certos hábitos cristalizados do tipo: tempo fixado para leitura ou entrega de um trabalho escrito, o trabalho em cima de esquema rígido de respostas repetitivas.

Diante disto eu me perguntei, se é possível estipular um tempo para a fruição. O que isto de fato venha a lhe acrescentar. Por que não trabalhar seu espírito crítico. Fazê-lo pensar sobre o lido, como por exemplo, dar-lhe tempo e

sua própria "ponte", que condição teria para auxiliar seus alunos? Ainda mais , tendo o minúsculo tempo de 45 minutos uma vez por semana.

Se pegarmos a poesia de Gregório de Matos, e extrair, a título de exemplo, palavras como: *"delinqüido", "sobeja", "Sacra", "pastor"* e as relacionarmos com o quotidiano deste alunos, veremos que nenhuma destas fazem parte da realidade deles. O distanciamento é maior no momento em que os alunos terminam de ler o poema e se deparam com a atividade 2: *"Como se* classifica *o poema? Justifique".*

Lógico que nesse instante, eles se voltarão para uma infinidade de números e ritmos. Começarão a contar sílabas e sílabas, versos e versos. Os algarismos aparecerão em suas mentes de forma desordenada e, às vezes, torturante. E, o pior de tudo, é que terão que "justificar" a jornada travada com os números.

Bem, se poesia *"(...) é parte integrante do dia-a-dia",* Paixão Fernando, (1982), então quem estaria apto a "justificá-la" seria, a princípio, quem a escreveu, tendo como base a época, o meio e a realidade que viveu. Ao se olhar mais profundamente a colocação acima, fiz a seguinte relação: se esses alunos vivem um "distanciamento da arte" e que isto é proposital do sistema capitalista, criador de um ambiente de rotina, que impossibilita a entrada de qualquer fresta de luz que venha provocar mudanças, e que, sua meta é lutar para que tudo aconteça normalmente, igualmente, repetidamente. Só aí, compreendi a rejeição dos alunos diante dos "justifique" das questões, visto que no seu "dia-a-dia não existe espaço para reflexões mais profundas.

Tendo sempre alguém, normalmente, seu superior, que é pago para decifrar as regras já "pensadas" e, portanto este

rítimo de vida, integrado nestes hábitos, só tende a limitar este sujeito, o qual sente que sua inteligência vai murchando. Fazendo com que o novo lhe pareça inimigo. Tudo isso é reforçado por obras combinadas para que o bem comum torne-se conservador da rotina.

É justamente a respeito disto que Lilian Campos, professora da UNICAMP, chama atenção através de uma pesquisa de campo que visava refletir sobre os níveis de leituras. Na qual ela comprova que a escola é a maior veiculadora da ideologia da classe dominante. Esta encaminha todo o saber para a trilha do capitalismo, sob o domínio de uma organização social massificada e alienada.

Se crivarmos os olhos nesta realidade, veremos que no instante em que o autor diz que poesia *"é parte integrante do dia-a-dia"* , surte efeito sim no aluno, só que de cabeça para baixo, ao invés desta proporcionar prazer, causará, como pude constatar na escola, é um tremendo "desprazer". E quanto ao professor, sendo ele fruto desta mesma realidade, não terá condições de discernir o que deve ensinar, o que é ensinável e em que consiste ensinar, quando o assunto for literatura. Não terá clareza neste trabalho sem antes juntá-la a uma crítica literária. Repetindo noção de história, estará sempre tendo a impressão de ter que ajustar contas com adversários de idéias, no caso o autor, não conseguindo atingir, junto ao alunado, hábitos de simplesmente ler e com isso aprender a apreender o texto literário.

Para que os alunos pudessem "justificar" a classificação do poema, eles teriam que sair do mecanismo dos números, indo para um plano maior, o da emoção; desprender das idéias impostas pela atividade escolar que teimam em predominar. Só assim conseguiam se relacionar de fato com o poema

travando com ele uma luta de idéias, de palavras, da ressonância destas frases, de seu movimento, combinações, acentos, cesuras, rítmo e cadência do poema de Gregário de Matos. Indo mais longe, de qualquer autor, independente se este pertence ao barroco ou a qualquer outra escola literária, vindo ao encontro da premissa que considera que as formas de linguagem, como combinação de signos, ligam-se necessariamente à cultura e à época.

A respeito do posicionamento da escola no ensino da literatura, esclarece Cury, (1992), afirma que: *"Por motivos didáticos ou para simplificar o programa, recorre-se a divisões em períodos e a características específicas de cada movimento literário (...)"*

Relacionado à colocação de Cury, temos a questão 4, trabalhada pelo PB: *"Em que sentido podemos afirmar que o texto é barroco? Justifique."* Aqui já está posto que o texto é barroco. Outra vez, impossibilita o educando a se colocar como *"fazedor do texto"*. Talvez seria mais prazeroso se lessem juntos o texto "A Jesus Cristo Nosso Senhor" e, depois, separadamente, para que cada aluno pudesse estabelecer um elo com a poesia, a partir daí, criar o seu próprio texto, explorando a leitura em suas entrelinhas, conforme a visão de mundo de cada aluno, enquanto sujeito. Tendo o direito de simpatizar ou empatizar, recriando-o em suas intuições, no seu meio e na sua época.

Indo para a questão 5, temos: *"Este texto é predominantemente* cultista *ou conceptista? Justifique"*. Veja a presença do verbo de ligação "ser", acompanhado do advérbio "predominantemente". O verbo por si já afirma que "é", seguido de uma afirmação que dá a idéia de maioria. Bem se é a maioria, onde é que fica a premissa de que *"(...) a emoção é a*

Analisando os termos "*cultista*" e "*conceptista*", vimos que ambos se originam de conceitos de escritores espanhóis. A primeira é caracterizada pela linguagem *"culta"* e a segunda *"(...) corresponde a termos abstratos; marcados por jogos de idéias... usa a retórica aprimorada"*, (Aurélio). Se fizermos uma analogia com estes conceitos e a sociedade em que vivemos, veremos que ambas pertencem ao discurso da classe dominante, aquela que separa, aparta, isto é, que aliena o cidadão. E a melhor forma é lhe tirar o direito de pensar, é dando-lhe tudo pronto e acabado na visão que desejam formar.

A atuação da escola, através de seu representante, o professor, deixa a desejar quando reprime o poder criativo e a poeticidade do aluno. Fazendo com que leia, interprete e justifique o que escreveram autores consagrados que não condizem com sua vivência. Com isto o aluno acaba detestando poesia.

Prosseguindo com a análise da pergunta de nº: 6 - *"Em que temática barroca o poema se encaixa? Justifique sua resposta com trechos retirados do poema"*. Para facilitar as resposta dos alunos o PB, diz que a *"temática está centrada na reflexão moral e filosófica"*. Nesta colocação, tenho um ponto pertinente ao meu estudo, veja, quando diz *"moral e encaixar"*, o poema já reveste-se de uma máscara moralizante, algo exigido pelas instituições: escola, família, igreja etc. Pelo motivo de a poesia não ser alienada ela não controla tudo, mas rompe e questiona os padrões sociais alienantes. Por isso, a poesia, na escola é separada por períodos, pois a forma de neutralizar a poesia é dando a ela uma função que impeça, ao seu leitor, de romper as atividades consideradas produtivas, também porque todo conhecimento separado em pedacinhos, não permite a visão do todo. E disso até já falei, a poesia é trabalhada da forma

descrita, obedece o intuito de rotular e não ameaçar o que está pronto.

Quero esclarecer que em nenhum momento, digo que não é importante estudar teorias e estilos de época e, ainda, dizer que compactuo com o que diz a professora da UNEMAT de Cáceres, Leonice Rodrigues Pereira, Jornal A Gazeta:

> *"(...) Este tipo de estudo nos permite classificar e caracterizar as obras, diferenciá-las de época para época e de autor para autor. Mas é muito delicado estudar obras literárias a partir dos estilos, considerando que este tipo de estudo os direciona, torna infrutífera a relação leitor-texto (...)".*

O educador tem que ter a habilidade de usar o meio termo, isto é, trabalhar os estilos de época de maneira sutil. Priorizar a liberdade que o aluno anseia, o recriar, fazendo com que este, realmente, tenha a oportunidade de usufruir de toda a abordagem da obra, mesmo que esta já tenha sido classificada e imposta por um crítico.

O que se propõe, neste caso, a avaliação consista na capacidade dos alunos quanto às leituras dos textos em suas entrelinhas. Dando-lhes a liberdade de concordar ou discordar do que está posto pelo crítico, sem prejudicar o aluno nas avaliações exigidas pela instituição escolar, conforme bem mostra a professora Leonice:

> *"Se o ensino da literatura vai acontecer ou não, ou se o ensino da literatura vai se dar com sucesso, dependerá, em grande parte, da postura do professor frente aos alunos, conteúdo e metodologia por ele usados".*

oportunidade de se espantar com o maravilhoso do texto, ou até mesmo, ser livre para se irritar com as bobices destes mesmo textos. Enfim, dar liberdade para que fique permanentemente ligado no que lê, seja livro, poesia ou poema e, principalmente, no que estas leituras tenham lhe despertado.

Por que pedir que todos os alunos respondam às mesmas questões, seguindo passos estritos e estreitos, como se os alunos fossem "gavetinhas" e/ou "forminhas"? O que isso amplia, soma, acrescenta, levando estes alunos a tomarem gosto pela leitura e a crescerem enquanto leitores críticos que "degustam" o que lêem?

Decidida a levar a cabo o trabalho a que me propunha realizar, parti para a observação de quatorze aulas de literatura no 2º Grau na EEPSG "Dep. Dormevil Faria", buscando dados pertinentes ao meu objeto de estudo, tendo como base os relatos das aulas assistidas, para depois, confrontá-los com a hipótese levantada e a realidade na sala de aula. Por último, compará-los à proposta curricular para o ensino da literatura.

Para isso, tomei como *corpus* as aulas assistidas, onde pude observar o trabalho com a literatura nas 1ª, 2ª e 3ª séries do 2º Grau, atingindo 320 alunos de ambos os sexos, na faixa etária entre 14 a 25 anos, distribuídos em 8 turmas, num período compreendido entre 27 a 31/07/98, sendo ministradas por três professores, todos formados em Letras, os quais, daqui para frente, chamarei professor A (PA); professor B (PB) e professor C (PC).

A presente análise tem como objetivo traçar um perfil do ensino da literatura no 2º Grau da escola pública em Pontes e Lacerda, visto que é esta a clientela que estará prestes a ingressar no 3º Grau. A intenção é chamar a atenção do leitor e, principalmente, do educador, a respeito da árdua tarefa de

despertar o prazer pela leitura dos textos e/ou obras literárias em seus alunos.

A respeito dos primeiros contatos com as aulas, verifiquei que predominou o trabalho com a literatura a partir do estilo de época, através de questionários e interpretações copiadas fielmente dos livros didáticos. Como exemplo disto, podemos cito a postura do PB e PC. Temos um caso, à parte, PA que trabalhou um método diferenciado, o qual comentarei no final desta análise. A postura do professor é, ainda, o de dono da classe e do saber, como pude observar PB, ao lidar com seus alunos que chegaram atrasados para as aulas. É bom esclarecer que trata-se de um curso noturno, e que, praticamente, toda a clientela desta escola trabalha, numa jornada de 8 a 10 horas diárias, como é o caso de quem trabalha em lojas e supermercados.

Iniciei minha primeira observação pela aula do PB no 1º ano. O referido professor iniciou sua aula com o seguinte poema de Gregório de Matos:

A JESUS CRISTO NOSSO SENHOR

"Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido,
Porque, quanto mais tenho delinqüido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a voz irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vós há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra história.

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória."

o PB limitou-se a passar uma proposta de análise na lousa,

entregue no dia certo, caso contrário, ficariam prejudicados: *"Quem não responder e entregar, ficará prejudicado na média".*

> *1. "Que tipo de relação se estabelece entre a consciência do pecado e a busca da salvação? Justifique"; 2. "Como se classifica este poema? Justifique"; 3. "O que é constatado e concluído a respeito do texto?"; 4. "Em que sentido podemos afirmar que o texto é barroco? Justifique"; 5. "Este texto é predominantemente cultista ou conceptista? Justifique" e 6. "Em qual temática barroca o poema se encaixa? Justifique sua resposta com trechos retirados do texto".* (extraído do livro didático)

Esta postura contraria a proposta de Eni Orlandi no ponto em que recomenda que o educador tem que fugir das "receitas" da apropriação do saber, as quais fazem uso do professor como mero executador do livro didático. E sugere que se passe a valorizar mais o saber acumulado do presente destes alunos, não legitimá-lo só com o conhecimento sedimentado do passado. E ainda, chama atenção para o fato de que cada aluno tem sua própria história de leitura a qual servirá de base para a compreensão de outras leituras, assim ampliando sua visão de mundo, permitindo-lhes uma crítica transformadora da realidade. Sendo-lhe permitido percorrer o caminho do imprevisível, porém sempre atento à coerência.

A imprevisibilidade, não foi explorado pelo PB; dando à poesia de Gregório de Matos um aspecto fechado e auto-suficiente.

É relevante observar que a maioria dos professores mantém determinadas posturas em sala de aula que por pura ignorância ou por serem adeptos fiéis ao livro didático, não conseguiram ampliar seus horizontes críticos.

Outros o fazem, por puro comodismo, ou por ignorarem qualquer proposta interativa durante sua preparação escolar. Neste período, como agora está fazendo com seus alunos, a Instituição só se preocupou em lhes passar "receitinhas" de como se portar, convenientemente, dentro da sala de aula, através da apresentação de "determinantes da leitura dos exercícios dados em classe.

Com relação à forma de se trabalhar a poesia, vimos que em nenhum momento, o PB, se preocupou com o pressuposto de que, ao priorizar um conceito já sedimentado, estará inibindo a poeticidade dos alunos e tirando-lhes a capacidade e o prazer destes trabalharem com as palavras e as situações, como na questão 1: *"Que tipo de relação se estabelece entre à consciência do pecado e a busca da salvação? Justifique".* Aqui, o próprio exercício já afirma que "existe" uma relação entre consciência e salvação. Ora, onde está o espaço destinado à criação destes alunos? Como poderão "justificar" algo onde não se reconhecem e, muito menos, não percebem sua marca?

A título de ilustração e reforço, me reporto à experiência de Ivete Walty, (I992), quetrabalhou sete anos na organização de um festival de poesia em colégio de I e II Graus e, escreve: *"O estudante sente-se extremamente distante do texto poético, que é para ele um enigma, um alvo inatingível. (...)"* .

Utilizando da fala de Ivete Walty, no ponto em que fala do lugar que esta ocupa na sociedade, vimos que a poesia é realmente "inatingível" para estes alunos, considerando que até hoje, a sociedade preocupou-se, basicamente, com a produção.

Em outros tempos podia-se entender que produção obedecia a idéia separatista das classes sociais, mas hoje a palavra produção pode ser analisada como o único meio de

sobrevivência. Quem não produzir morre de fome. Como já vimos, nossos alunos cumprem uma jornada de trabalho de oito a dez horas diárias, ficando, à distância, o contato com a arte, que segundo a mesma autora, é onde reside a precariedade do gosto pela poesia. Diante disso, se elencasse os porquês, desta falta, discorriria páginas e páginas, levando-me a distanciar nos do objeto aqui proposto.

Hoje a leitura é dada nas escolas como se os alunos fossem antenas parabólicas, capazes de captar tudo que ouvem. Vimos que estes alunos têm o contato com um ensino simplificado e fragmentado. Sendo-lhes negada a fonte, portanto, ficando impossibilitados de produzir o seu próprio conhecimento, vindo ao encontro do que diz Eni Orlandi, (1993): *"Não há relação automática, mecânica entre 'ter o domínio da cultura', e ser crítico".*

Sob o mesmo aspecto diz Octávio Paz, (1982*): "... a poesia é desejo e a imagem é a ponte que liga o homem à realidade".* Tomando esta fala, percebe-se que no momento que é colocado que poesia *"é a ponte"* , nos possibilita entender a indiferença apresentada tanto pelo professor como pelos alunos, visto que ambos fazem parte de um processo em que a emoção e a intuição são afastadas, para que possam trabalhar de forma alienada. Sobre isto, deduzi, a quase impossibilidade desses alunos em "construírem tal ponte", sendo que se o fizerem, e a sua realidade submergir, a ponte desmoronará. Não quero dizer que tudo deve ficar como está, mas dizer que o problema do distanciamento do aluno em relação à poesia, está nas bases institucionais. Por isso, a dificuldade de repercussão desta poesia no meio escolar, entendendo que a escola funciona como reforço de alienação. E o professor, como elemento ativo desta mesma sociedade, não consegue alicerçar

Entre reclamações e rejeições à atividade, a maioria com medo de que baixassem suas médias, responderam, recorrendo às anotações, e ao livro do professor, pois eles não o tem. Percebia-se uma ampla ansiedade com relação ao fechamento do bimestre, atrasadíssimo, visto que o sistema público de ensino acabara de sair duma greve de um mês e, mesmo assim, a maior preocupação do corpo docente e discente era de encerrar o período letivo, com os diários em dia, assim como, as respectivas notas. A apreensão do conteúdo, não despertou maiores preocupações.

Sabendo da metodologia usada pela maioria dos professores da rede, o transcrever o conteúdo do livro didático na lousa, vi que as aulas, principalmente as noturnas, se restringem a fazer a chamada por ordem numérica dos 45 alunos e já se ouve o sino para a mudança de aula, não havendo o fator "tempo" para a mínima interação com a disciplina e, muito menos, entre professores e alunos.

No dia seguinte na sala do PB, este informa a seus alunos que os exercícios do texto "A Jesus Cristo Nosso Senhor" não terminaram, terão que responder a mais quatro perguntas e dá sequência colocando no quadro a de nº: 7. *"Delinqüido, no texto, aparece como sinônimo de qual palavra?"* Ao buscar no texto o significado da palavra que é: *debilitado, muito magro.* Refleti a respeito da descoberta e a relacionei com da proposta discutida por Emília Amaral (1984), quando diz:

> *"Já que a obra de arte diz a cada ser humano uma verdade particular, as respostas dos alunos em relação aos exercícios propostos podem variar, respeitada certa ligação lógica com o texto".*

A princípio, pareceu-me que saber o que significava a palavra *delinqüido,* só iria acrescentar vocabulário. Mas onde ficou a oportunidade de construírem uma linguagem própria que os levem a uma concepção realizadora do texto? Neste caso, cabe aos alunos, substituir a palavra pelo seu sinônimo, limitando-se a confirmar o que o autor já colocou.

A próxima pergunta é a de número 8: *"Percebe-se nitidamente que o texto teve um conflito vivido pelo poeta. Explique-o."* Neste tipo de pergunta não se prevê uma resposta ativa do aluno, pois o autor afirma ter "nitidamente" um conflito. Isto, ao meu ver, está implícita a idéia de que quem não enxergar o tal conflito é cego, ou incapaz, já que está "nitidamente".

Outro momento, em que fica lesada a capacidade inventiva do aluno, aparece na questão 9*: "Explique o raciocínio do poeta nos últimos versos na 1ª estrofe".* Observe que o aluno terá que explicar o raciocínio "do poeta", ficando à distância a luz pedagógica que tanto sonhou Carlos Drummond e Andrade, (1974):

> *"O que eu pediria à escola, se não me faltarem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética".*

Ao contrário disto, a pergunta acima, trabalha com a razão, "explique", ignorando a emoção, papel norteador da poesia.

A última atividade com a poesia de Gregório de Matos foi a seguinte: 10 - *"Aponte três antíteses no texto"*. O aluno ao "apontar" as antíteses *do texto,* sem antes exercitar o que estas poderiam significar para ele, sem ter a oportunidade de

trabalhar em seu interior o que esta ação de linguagem tenha lhe provocado, para depois ter, realmente condição de "transformá-la além de", contemplando o que diz Maria Luisa Ramos, (1974): *"(...) o sujeito constitui, em maior ou menor grau, a chave da linguagem metafórica".* A mágica da ilogicidade e encantamento da poesia é perdida no momento em que estes tenham que "apontar" algo.

A escola poderia, através da poesia, tentar trazer um pouco da magia de jogar com as palavras e com a vida para ser discutido, em sala de aula, onde, com certeza há antíteses, talvez, as mesmas extraídas do texto: *"ofendido x prazer; pecado x perdoar e clemência x irar",* porém revestidas por uma nova realidade e significância. Estas antíteses poderiam ser relacionadas às inúmeras divergências do mundo em que vivemos.

Ao longo das observações das aulas do PB, tive a oportunidade de ter contato com uma aula, puramente histórica. Como foi o caso desta aula intitulada "Cosme Velho". Pensei que seria outra poesia, mas tratava-se de uma minuta biográfica de Machado de Assis, dizendo que este possuía idéias realistas, seguida por um comentário, com o nome de "A Poesia Machadiana", seguida do Soneto "Círculo Vicioso"

> *"Na fase de amadurecimento, suas poesias prendem-se aos padrões de autores românticos ou mesmo árcades. São poemas sem grande preocupação de forma, embora se perceba, sempre uma linguagem bem cuidada; a temática é amoroso ou nacionalista. Nessa primeira fase, Machado produziu três livros e, na fase realista, apenas um volume.*
>
> *Nos últimos 20 anos de sua vida, quando é mais intensa na produção realista ele não mais escreveu poemas.*
>
> *Na 2ª fase, é um perfeito parnasiano revelando uma preocupação formal, exalta o conceito de arte pela arte*

filosófica e pessimista. Seus sonetos mais famosos são: "Círculo Vicioso", "Soneto de Natal" e "A Carolina". (Transcrito tal como foi colocado na lousa)

CÍRCULO VICIOSO

Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
Quem me dera que fosse aquela loura estrela,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela.
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:

"Pudesse eu copiar o transporte lume,
Que da grega coluna à gótica janela.
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela"!
Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

-"Mísera! Tivesse eu aquela enorme aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!"
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

"Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfara-me esta azul desmedida umbela...
Por que não nasci eu um simples vaga-lume?

(Machado de Assis)

Se considerarmos que os fatos acima foram registrados por um historiador de uma época, e que, o registro é feito de acordo com a visão de mundo que tem quem o fez, o pecado que se comete no trabalho da literatura no ensino médio é tentar fazer com que os alunos entendam uma classificação niveladora das obras literárias. Sem que essa fique suficientemente clara. Ao indicar, por exemplo, Machado de Assis, como realista não se pensa em inúmeras outras características individuais, naquilo que escreve e até mesmo enquanto sujeito, às vezes não intencionais, porém presentes. Uma postura considerada relevante ao se trabalhar com as produção do passado é esclarecer-lhes que a literatura não é estanque, e sim

permitem as releituras e modificações desta tradição, ao invés de simplesmente transcrevê-las em um quadro.

Entre o copiar a "matéria" ministrada pelo PB, ventilou-se indícios, preocupantes, devido a uma avaliação em forma de um debate com a obra de Machado de Assis, "Dom Casmurro", na temática *"Capitu traiu ou não?"* Eu não terei oportunidade de assistir a estas aulas, mas confesso que gostaria muito.

Ainda acompanhando o PB, agora em 2º ano, onde a atividade iniciou-se com a leitura de um texto intitulado "As Prostitutas" de autor desconhecido, o qual continha palavras como: *"chupava suas tetas", "surrava", "arfava";* que segundo o PB, se tratava da riqueza da escola realista e, que, os alunos deveriam produzir um texto que tivesse as mesmas características. Usou também o texto para, oralmente, fazer uma ponte entre o romantismo e a passagem para o realismo. Por se tratar de uma turma de adolescentes, em suas fantásticas descobertas do sexo e de suas próprias transformações físicas, o texto "As Prostitutas" teve boa repercussão. Começaram a jogar com as palavras, trazendo-as para dentro da sala de aula. Dando-lhes, a cada momento, um novo significado. Os textos fluíram com a maior naturalidade, só que de uma forma que a instituição escola pouco considera, a oral.

No momento em que o PB, disse que a escola realista se contrapõe à escola romântica, pelo fato de que uma esconde e a outra mostra as mazelas da sociedade como, por exemplo: o cheiro, o sangue, o suor, enquanto que na escola realista preocupa-se em mostrar. Um dos alunos, que até este momento mostrava-se apático aos acontecimentos, narra a história uma história de assassinato, acontecido em nossa região, contemplando assim, todas as exigências da escola realista,

reforçada, até então pela fala do PB, o aluno concluiu: *"Isto é impressionante*!".

Referindo-me ao desenrolar da aula acima exposta, vi que aquilo que o aluno recriou embasado na realidade em que vive, foi fantástico. Mas, para a escola, tal relato só serviria como avaliação se este colocasse no papel, dentro do que exige o padrão culto. Este, ao meu ver, talvez, seria o momento de se mesclar a historiografia e a estética da recepção, aqui entendida como a forma em que o receptor recebe a obra. Ela propõe novos parâmetros para a classificação e valorização da obra. A estética da recepção reconhece a obra ou produção literária, seja ela oral ou escrita, através das várias leituras feitas por diferentes leitores de diferentes épocas. O que vimos foi um aluno situar-se em seu próprio espaço, se pautar por suas próprias experiências de vida, se respaldar por suas próprias emoções. No momento em que ele fala: *"Isto é impressionante!"* este aluno está veiculando e negando valores incorporados à tradição cultural. Ele, de certa forma, derruba o mito do valor objetivo dado ao texto, protegido, principalmente pela escola.

O que se propõe, neste caso, é que o PB usasse o meio, ou seja, sua realidade. E que trabalhasse com o embasamento teórico do realismo, mas que valorizasse a oralidade criativa do aluno, dando-lhe condições para continuar buscando, em suas experiências, elementos significáveis e relacionando-os às manifestações das épocas literárias (intertextualidade). Elementos estes, que venham contribuir para a interpretação e gosto pela obra literária. Fazendo com que o estudo de estilos literários funcionasse como um filtro pelo qual pudesse passar dados coletados na própria experiência, perpassando pelos viéses do dia-a-dia, proporcionando ao aluno a possibilidade de novas reflexões.

Retomando o poema, "Círculo Vicioso", de Machado de Assis, constatei que o trabalho proposto era similar ao do poema "A Jesus Cristo Nosso senhor", de Gregório de Matos, só se diferenciando pelo período em que se inseriam. Posso mostrar isto transcrevendo as questões propostas:

> *1 - "Qual é o esquema de rima do Soneto? Como se chama?"; 2 -. "Quais são os quatro momentos de "Círculo Vicioso?"; 3 - "Esse soneto é citado como um exemplo do pessimismo Machadiano? Você concorda com o rótulo? Por que?"; 4 - "Esse soneto apresenta características de uma fábula. Nesse caso, qual seria a moral?" e 5 - "Pense nos seres humanos e responda: Você concorda com esse Círculo?"*

Se lermos o Soneto "Círculo Vicioso", com bastante atenção e procedermos a uma análise, começando pela linguagem, tomando as palavras como: *"gótico", "lume" e "coluna"*, veremos que é rebuscado, tanto quanto o poema "A Jesus Cristo Nosso Senhor" e, no entanto, ele foi classificado, por algum crítico, como um poema realista.

Neste instante seria interessante explorar mais o que não contemplasse a perspectiva de que literatura não se caracteriza por esta ou aquela escola literária e, sim através da cumplicidade selada entre texto, momento histórico e palavra. Para a aula tornar-se produtiva, acredito ser este o momento de se trabalhar o realismo. De forma que viesse a ressaltar as diversas tendências do tempo e da natureza humana, isto é, dizer-lhes que sempre houve o realismo através da união do espírito à vida, marcando uma determinada realidade. Mostrar-lhes que sempre houve realismo na Bíblia, nos clássicos, até chegarem à obra discutida, como é o caso de "Círculo Vicioso", no lugar em que são trabalhados conceitos como: "pessimismo", "moral" implícitos na questão, "pense nos seres

humanos e responda". Ao se estudar movimentos literários, por que não explorar, na íntegra, a palavra "movimento", palavra tão rica, que seu sentido é capaz de cruzar, entrecruzar, avançar, recuar, atuar, reagir umas sobre as outras. Não esquecendo de acentuar, diante dos alunos, que todo esse "movimento" sempre foi e será regado pela ação humana.

Nas atividades desenvolvidas em "Círculo Vicioso", só houve uma mudança de roupagem, na tentativa de retratar uma nova evolução literária, mas ao usar o rebuscamento, inversão sintática, vimos que as duas poesias trabalhadas até aqui, embora classificadas em épocas diferentes, apresentam caracteres semelhantes. Com intuito de enriquecer a aula, o PB, poderia adentrar na situação específica do Brasil e do atraso que os movimentos chegaram até nós, pelo fato de que as transformações não se realizaram entre nós, pois elas aconteceram de "fora para dentro", como resultado de uma consciência e reflexos de idéias importadas. Oportunidade para se discutir a tendência que o Brasil tem em valorizar tudo que é americano.

Indo para o exercício que pede para "pensar nos seres humanos", vejo que daria uma excelente discussão a respeito da consciência e comportamento humano, assim como suas divergências e, ainda chamá-los à reflexão para a existência de uma literatura que visa inserir o homem na cultura. Mostrar-lhes, desde já, que não há uma única cultura. Convidá-los a refletirem sobre a inter-relação entre cultura e arte. Clarear para esses alunos, mesmo que seja através das sugestões propostas pelo livro didático, que é impossível separar arte e atividade cultural. Proporcionar-lhes uma excelente oportunidade de iniciarem sua análise pelo título do poema "Círculo Vicioso", auxiliando-os a refletirem sobre suas vidas

suas ações e a visualizarem todas as novas fases, observando que para começar uma, não precisa, necessariamente, terminar a anterior.

Vimos que os estilos são a forma predominante de se trabalhar com a literatura no 2º Grau, reforçado, mais uma vez pela aula do PC que antes de passar a "matéria" na lousa, avisa que trata-se de uma música em forma de texto. E, que deve ser copiado em folha de papel em branco, contendo nome e número de cada aluno, pois, logo depois do texto, terão que responder a três perguntas:

OLHOS NOS OLHOS

Quando você me deixou meu bem
Me disse para ser feliz e passar bem
Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci
Mas depois, como era costume, obedeci
Quando você me quiser rever
Já vai me encontrar refeita, pode crer
Olhos nos olhos, quero ver o que você faz
Ao sentir que sem você eu passo bem demais
E que venho até remoçado
Me pego cantando
Sem mais nem porquê
E tantas águas rolaram
Quantos homens me amaram
Bem mais e melhor que você
Quando talvez precisar de mim.
Cê sabe que a casa é sempre sua,
Venha sim
Olhos nos olhos, quero ver o que você diz
Quero ver como suporta me ver tão feliz.
(Chico Buarque)

Houve uma parada, para que PC pudesse explicar o que vinha a ser um texto poético e que, este, deveria ser comparado ao travadorismo medieval português. Vieram então as questões:

1 -"Relacione a música Olhos e Olhos com as cantigas de amigo, há uma diferença fundamental no comportamento do eu-lírico feminino. Comente essa diferença";
2 -"Destaque um verso em que apareça a

Olhos nos Olhos se assemelhar às cantigas de amigo, há uma diferença fundamental no comportamento do eu-lírico feminino. Comente essa diferença".

Os alunos ficaram nervosos diante das questões, foi aí que notei que a maior dificuldade, consistia em não possuírem o livro didático, de onde as perguntas foram extraídas, uma vez que lá continha todas as informações, consideradas necessárias, para a conclusão de tal tarefa. Para amenizar a situação, o professor começa a explicar, individualmente, àqueles que o procurasse, procedendo à leituras de trechos do livro. Enquanto isso, os outros 44 alunos se dispersavam, simplesmente, ignorando a aula.

Só a título de sugestão, se PC, mesmo se utilizando dos fragmentos do livros, fizesse uma leitura em voz alta, paralelamente, travasse uma comparação entre as épocas, com certeza, esses alunos se situariam, e, partir daí, fariam os comentários exigidos pelas perguntas, com argumentos mais consistentes.

Como é notório, "Olhos nos Olhos", trata-se de uma produção contemporânea. Inclusive a própria, questão vem a proporcionar esta leitura. Ao relacioná-la vimos que trata-se de um sentimento feminino, escrito por um homem, só que a figura feminina supera o sentimento doentio, coisa que não acontecia no período medieval. Outro ponto pertinente para explorar o texto, seria fazer uma rápida comparação entre pensamento feudalista e capitalista, ressaltando que a maneira de pensar de ambos se assemelham. Evidenciando que a diferença, na verdade, não é marcada por esta ou aquela época, e sim pela forma de pensar e agir de um povo.

A luta e libertação do eu-feminino na música "Olhos nos Olhos" poderia ser explorado sob o aspecto da sociedade em

que viveu Chico Buarque: plena ditadura. Época em que toda a população era obrigada a calar-se e, quanto às mulheres, estas eram obrigadas a ter um comportamento submisso, tal como sucedeu na Semana da Arte Moderna, resolvem unir-se e lutar contra o machismo e o preconceito entre outras coisas.

Este seria o momento mais que oportuno para o PC trazer para sala de aula a grande fase dos festivais da música popular brasileira. Refletir, junto com seus alunos, sobre a canção de protesto que pode ser usada como válvula de escape para o sentimento de insatisfação social. Assim como a mulher medieval era podada de demonstrar qualquer sentimento ao seu amado. Da mesma forma, ficou toda a nação brasileira amordaçada por um aparelho repressor poderosamente montado pelos miltares. Época em que instala-se a censura nos teatros, na TV, na música e no cinema. Neste contexto há um terreno fértil para se plantar o desejo de reflexão na busca de uma nova iluminação, dando margem à possibilidade de germinar uma cultura crítica.

As cantigas de amigos em Portugal e a música "Olhos nos Olhos", pertencem a épocas diferentes, porém altamente repreensivas; por isso não é interessante trabalhá-las como divisor de águas entre medievalismo e modernismo, o ideal seria juntá-los contrapô-los e construírem uma rica crítica social.

Acredito, ser bastante produtivo, ressaltar o autor, Chico Buarque, como um agente ativador da memória nacional, da memória histórica, numa época em que tudo se fazia para matar a memória, para sepultar o passado, porém Chico mergulha nele, para entender melhor o presente.

Com a música "Olhos nos Olhos", PC poderia propor um debate referente as questões populares e sociais, repensando-

as com lucidez, questionando-as. Lançar junto com seus alunos, um olhar em nossa História. Um "olhar" que não seja necessariamente o "olhar" do colonizador. Mostrar para os alunos, que mesmo numa situação de repressão social, a personagem central da música não se encolheu, não se moldou a atitude do eu-masculino. Na sala de aula, este eu-masculino poderia ser o sistema em que estamos inseridos. Enfim, PC poderia pedir que seus alunos fizessem um levantamento das personagens femininas dos trabalhos de Chico Buarque, para confrontá-las com a de "Olhos nos Olhos", ao som da música para que seus alunos entrem em sintonia, dando-lhes oportunidade para que percebam como a poesia, nos momentos de maior intensidade, diz mais do que a prosa, rende mais. E quando se chega ao limite dos sentimentos, ela vira música. Ler e reler o título, para juntos, relacionarem, oralmente, à letras, partindo da premissa de que em toda obra, referindo-se a Chico Buarque, há uma intenção consciente.

Daria para puxar um fio, ao meu ver, bastante informativo, na questão que pede para o alunos discorrerem sobre o que diferencia o poema daquela época com a música. Veja na questão 3: *"Há uma diferença fundamental no comportamento do eu-lírico feminino".* Este seria o momento oportuno para trazer para dentro da sala de aula a luta da mulher para conquistar seu espaço na sociedade moderna.

O meu propósito não é dar receita de "certo ou errado" para ministrar aulas de literatura, mas contribuir, através de sugestões, para que esta disciplina tão abrangente, cumpra, pelo menos em parte, seu papel de formar cidadãos e não de informar. E, que ao se ter contato com ela, os alunos possam se contextualizar, tornando-se capazes de se reconhecerem dentre as sutilezas, as particularidades, a extensão e a

Bastava puxar a situação de medo em que vivia o artista barroco, tendo que obedecer e produzir tudo que lhe era imposto, pela forma e pelos dogmas da igreja e compará-los com o medo que a modernidade está atravessando, apavorados com a tal "globalização".

Por último, assisti a uma aula no 3º ano, ministrada pela PB que objetivava trabalhar o Parnasianismo e, para isso, trouxe como suporte o seguinte soneto:

VASO GREGO

Esta, de áureo relevas, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que suspendia
Então e, ora repleta ora, esvazada,
A taça amiga aos dedos seus tinia
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira,
Toca-a, e, do ouvido aproximando-a, às bordas
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira
Fosse a encantada música das cordas,
Qual se essa voz de Anacreonte fosse.
(Alberto de Oliveira)

Este tipo atividade, que foi a marca do PB durante minha observação, se limitava a três perguntas:

> *1 -"Vaso Grego, de Alberto de Oliveira, é considerado um dos Sonetos mais representativos do Parnasianismo. Apontes três características Parnasianas no texto e justifique sua resposta com elementos do próprio texto".*

Antes de tecer qualquer comentário, fui às leituras. E ao ler sobre a escola realista-naturalista-parnasiana, pareceu-me que todos tratava da mesma linha de pensamento e a pequena

profundidade das produções literárias, independentes da época que esta esteja classificada. As pequenas reflexões, acima propostas, iriam provocar nestes alunos, um efeito prático e modificador de conduta e concepção de mundo e, ainda, reforçar neles o sentimento dos valores sociais de sua época.

Dentro do mesmo estilo de se trabalhar com a literatura, temos uma última aula dada pelo PB, no 3º ano. Este, num primeiro momento, passou um resumo na lousa da biografia de Padre Antônio Viera, acentuando pontos tais como: lugar em que nasceu, sua vida política e a divisão de suas obras. Este autor, segundo a classificação dada, também pertencia ao barroco. Não foi trabalhada, nesta aula, nenhuma obra deste autor. Teceu-se leves comentários sobre seus Sermões, ficando entendido que Padre Vieira usava os valores morais impostos pela igreja, para impor sua forma de pensar. Neste caso, seria muitíssimo proveitoso, fazer uma ponte entre as idéias manipuladoras de Padre Vieira e as idéias mirabolantes de nosso sistema financeiro, agora comandando uma economia globalizada, obrigando o cidadão a possuir uma visão do macro.

Mas como o aluno pode fazer isto, se não consegue fazer esta relação nem partindo do micro que é sua sala de aula, sua família, ou seja sua vida?

Ele sabe, através da televisão, que corre o risco de estourar uma guerra nuclear e que, emergem nações que ao invés de se desenvolverem se subdesenvolvem. É visível a crueldade do sistema social. Sente, enquanto ser social, que está vivendo na órbita do medo e da insegurança, tudo isso revestido de uma couraça chamada "desenvolvimento". Caso o PB, optasse por fazer esse paralelo, junto a seus alunos, elencaria inúmeros elementos comprovatórios desta situação

diferença de uma para a outra é que os elementos de uma, às vezes, vinham acentuar as qualidades da outra, e que no caso específico da parnasiana, estes elementos tomavam forma de poesia em detrimento da prosa. Ao meu ver, se o PB, procedesse a esta explanação ou, até mesmo trabalhasse com cartazes, explorando-as, simultaneamente, as três escolas, através de obras que as representassem, os alunos apreenderiam mais o conteúdo proposto. Se é que podemos dizer que a escola parnasiana, possuía um conteúdo, onde predominava mais técnica e forma do que inspiração, não constituindo, portanto, um conteúdo.

Para responder, a referida questão, o aluno teria que buscar resposta só no texto mesmo, pois caso ele fosse buscá-la em sua realidade, veria que lá tem elementos bem mais consistentes do que na forma parnasiana. Isto se confirma, também, pela questão 2 -"*Qual o esquema de rima do Soneto?*" e, para encerrar a atividade com o Soneto "Vaso Grego", temos, dentro da mesma estrutura, *3 -"Explique, com suas palavras, o raciocínio desenvolvido pelo poeta nos últimos versos do 1º quarteto.*

Lendo-o, cuidadosamente, em seus dois últimos versos do 1º quarteto, percebi que o autor falava da perfeição grega. O aluno só teria condição de "explicar" com suas palavras, se tivesse um prévio conhecimento da literatura latina. Como é do nosso conhecimento, a grade curricular do 2º Grau não a possui. Só resta neste caso, aceitar o que o aluno pode fazer, que é o apropriar-se de um trecho ou idéia já cristalizada por crítico que tenha escrito algo a respeito do parnasianismo e que a instituição escola tenha tomado como certo, sendo legitimado, imediatamente, pela instituição e veiculado pelo livro didático que, posteriormente, dá o veredicto final dentro da sala de aula.

O que pude observar é que, com este tipo de exercício no decorrer das aulas de literatura, a escola tira a permissão dos alunos de se relacionarem com o objeto literário, atrelando, sempre a algum acontecimento histórico. Dando ao estudo de literatura marcos culturais, desprezando o conceito de que a cultura está em todo lugar e a todo momento, e que, é um processo comulativo, cabendo a cada um, discerni-la dentro de sua realidade.

Reportando-me, agora, a aula mencionada, no 1º ano matutino, no início desta análise, ministrada pela PA. Observei que se diferenciava de todas as outras que tinha assistido. Isto foi motivo de surpresa.

Os alunos estavam se preparando para a apresentação de um trabalho em grupo. A atividade constituía-se de cinco grupos composto de cinco alunos. Cada grupo tinha lido uma obra diferente, escolhida por eles mesmos, auxiliados pela PA. A organização interna do grupo ficou a critério dos componentes. Pelo que pude perceber, a maioria optou por fazer uma leitura completa, individual da obra, depois cada um dedicou-se a um só capítulo, se responsabilizando pela sua explanação/exploração diante da classe.

Esta foi a única aula em que os alunos foram levados a refletirem e produzirem seu próprio conhecimento. Não tendo que correr incansavelmente contra o tempo para vencê-lo, como um inimigo, para dar conta de responder a imensos questionários impostos pelo livro didático.

Foi nesta aula que pude retomar a proposta curricular para o ensino da Literatura e concluir que este foi o único momento em que foi contemplado no seu ponto alto:

> *"A questão do ensino da Literatura ou da leitura envolve, portanto, esse reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita (...)"*

Os alunos do PA, foram agraciados, pois não foram sufocados pelo bombardeio de informações a respeito de períodos ou escolas literárias, na maioria das vezes, desnecessárias à vida, mas como diz Rubens Alves:

> *"(...) muito necessárias às empresas elaboradoradoras de provas do exame de vestibulares e às escolas que promovem cursinhos pré-vestibulares".*

Pude observar, também, que a maioria dos alunos lêem por iniciativa própria, alguns por terem pais professores e uma minoria por indicação da escola. Este tipo de informação leva a reconhecer que a escola vem fazendo pouquíssimo ou quase nada, para o despertar do gosto pela leitura e, principalmente, pela arte literária.

O fato do PA, ter deixado que escolhessem e traçassem sua própria metodologia de trabalho, fez com que a atividade acontecesse, com um caráter bastante positivo. Uns mais espontâneos, outros mais inibidos, mas todos, dentro de suas possibilidades, deram seu recado.

Com esta postura PA, resguardou o processo de co-autoria do aluno, porque não tirou das obras trabalhadas sua porosidade, permitindo a seus alunos ter acesso às várias e diferentes leituras, não transformando o texto literário em um produto pronto e acabado, não permitindo que o texto fosse lido com segundas intenções, que não são as literárias. Com esta metodologia, o PA, traça uma relação direta dos alunos com as obras lidas, fazendo com que aflorecem os valores literários em seu alunado.

É importante ressaltar que ao tomar esta postura PA fez com que seus alunos tivesse um contato direto com as obras literárias, de forma pura, sem o entremeio das fichas de leituras, dos questionários de interpretações imbecilizantes, elaborados pelo próprio professor ou presentes no livro didático e também sem os, já discutidos, preconceitos adquiridos, através dos estudos literários.

Um ponto, considerado por mim, de fundamental importância, é que, além da liberdade de leitura dada no momento da escolha da obra, os níveis e interesses dos alunos foram considerados pelo PA, no momento de seleção das obras a serem trabalhadas. A escolha se deu de maneira que o ponto de partida foi as próprias leituras já efetuadas pelos alunos, contemplando suas curiosidades e suas expectativas.

Nesta aula, verifiquei que a relação do PA com eus alunos não se transformou, como alguém já disse, *"numa via de mão única",* onde o último nunca é convidado a participar das decisões do primeiro ou opinar no que diz respeito à leitura da obra literária.

Com esta observação pude averiguar que, apesar da maioria trabalhar a literatura presa à determinantes, já existem educadores interessados em derrubar este "tabu". Visam auxiliar o aluno a tomar gosto pela leitura, tentando resgatar a riqueza de significados da obra literária, proporcionando a estes alunos, ampla liberdade oral, possibilitando que haja diálogo entre aluno e obra, livres de quaisquer determinantes, livrando-os das "armadilhas" controláveis do sistema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ocasião da escolha do assunto para desenvolver meu ensaio monográfico, escolhi a literatura popular na região de Pontes e Lacerda, mas, devido a uma série de entraves, entre eles, a falta de uma orientadora da área, tive que mudar o recorte. Foi aí que optei por observar como se dava o ensino da literatura no 2º Grau. Mas para isso, tive que observar "in loco", aulas da referida disciplina.

Dentro da sala de aula, com caderno, caneta na mão e um monte de idéias amadurecidas no período da faculdade, loucas para serem colocadas em prática, foi que percebi que o meu trabalho não consistia só em "observar". Caso eu insistisse nisso, ele ficaria oco "como a poesia parnasiana" *(grifo meu).*

Quanto as atividades propostas para se trabalhar os textos, pude constatar que em todas as séries eram sempre do mesmo estilo. Do tipo questionário, tão bitolado e tão bitolador, tão padronizado, tão igual para alunos tão diferentes. Ao meu ver, será praticamente impossível, caso insistir nesta postura, ajudá-los a perceberem o que significa cada leitura, individual, personalizada, a emitir em sua opinião exclusiva e pessoal.

Gostaria ainda de considerar que o tempo em que estive dentro de uma sala de aula, foi pouco para levantar dados e poder analisá-los sob um ponto de vista mais profundo, mas o tempo foi suficiente para confirmar a hipótese por mim levantada (A literatura é trabalhada na escola só sob o aspecto dos estilos literários?) Porém, inevitavelmente, levantar outra (A deficiência está na formação do professor?) Concluí, que o meu objetivo foi atingido sim, só que parcialmente, visto que as sugestões que me propunha a fazer foram restritas, pois percebi, que para isso, teria que conviver mais com os alunos e professores da rede para captar ou perceber, a realidade e

um pouco da história de cada um deles, para que minhas "sugestões" ficassem melhor argumentadas.

Como sugestão maior, chamo atenção a quem trabalha ou pretenda trabalhar com a literatura, que tome como meta principal, o dever de apontar os inúmeros caminhos possíveis de serem percorridos em uma só obra ou texto literário, e a necessidade de se fazer uma constante interdisciplinariedade. Com o intuito de ampliar a visão de mundo de seus alunos; assim como, chamá-los a dar novos sentidos naquilo que leram, trazendo, sempre que possível, para o seu cotidiano, para com isso atingir a amplidão de significados que toda obra possui. Chamando-os sempre a atenção de que, na obra, nada acontece por acaso, tudo tem um por quê. O que a diferencia são as respostas que cada sujeito dará a esses "porquês".

E com o intuito de afastar qualquer equívoco, o que se propõe, também, é que se faça uma organização curricular que contemple as histórias de leituras dos alunos. Possibilitando-lhes o contato real com a multiplicidade dos sentidos, propiciando-lhes a interação texto/aluno e, que contrapõe ao discurso da igualdade e denuncia o reforço da desigualdade, conforme diz Eni Orlandi, (1993):

> *"Em relação à escola, essa função de legitimar leituras está distribuída pelas diferentes áreas de conhecimentos. Todas elas, entretanto, podem ser representadas pela função do crítico. Ao mesmo tempo que avaliam a importância do texto, os críticos fixam-lhes um sentido que passa a ser considerado o legítimo para a leitura".*

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia Arruda & MARTINS, Helena Pires. Filosofando. Introdução à Filosofia. Arte como forma de pensamento. Editora Moderna. S.P. 1992. Cap. 38. p. 384 a 390.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. Companhia Editora Nacional., 5ª ed. SP, 1976.

COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. Introdução Geral. 4. ed. V. I. Global editora. S. P. 1997.

ERNANI & NICOLA. Curso Prático de Língua & Redação. Ed. Spcione. SP. 1997. 7. Ed.

FAZENDA, Ivaní. Metodologia da Pesquisa Educacional. S.P. Cortez. 1989.

LUTTI, Eulina Pacheco. Ensinando Português vamos registrando a história. S. P. Loyola. 1989.

MALARDO, Letícia e outros. História da Literatura. Ensaios. Ed. da UNICAMP. 2. ed.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Língua Portuguesa. Secretaria De Educação Fundamental. – Brasília: 1997. 144 p. p. 36-38

PEREIRA, Leonice Rodrigues. Escola Versos Literatura. A Gazeta. Caderno A - Opinião. Cuiabá/MT, Quarta-feira, 16 de abril de 1997.

SALOMON, Délcio. Vieira. Como Fazer uma Monografia. Elementos de metodologia do trabalho científico. 6. ed. Interlivros. BH. 1978.

SODRE, Nelson Weneck. Historiografia da Literatura Brasileira. RJ: Bertrand Brasil. 1995.